

Sobre Heráclito e o tempo

Marceli Andresa Becker
Acadêmica do sexto nível da Filosofia UPF

Heráclito, um dos filósofos anteriores a Sócrates, escreveu um aforismo que assim inicia: “Embora seja este o discurso, sempre, os homens tardam, não só antes de ouvi-lo, como logo que o ouviram [...]”. O fragmento não está inteiramente citado porque a proposta, agora, é de que pensemos sobre apenas um ponto do que o pré-socrático sugere: para que aspecto da relação entre homem e discurso Heráclito aponta ao afirmar que “os homens tardam, não só antes de ouvi-lo [o discurso], como logo que o ouviram?”

Essa pergunta pode nos incomodar. Incomoda-nos, talvez, não porque seja muito difícil respondê-la, ou porque desconfiemos da legitimidade de traduções de uma língua para a outra, sobretudo quando se trata de grego, e muito menos porque imaginemos que os fragmentos desse filósofo sejam tão obscuros quanto ele (chamavam-no “Heráclito, o obscuro”, e nunca é demais observar que Borges rememora essa imagem no poema *Os rios com a sabedoria de quem passou os anos em duas bibliotecas: uma feita da realidade e outra, da matéria dos sonhos*). Parece haver outra razão pela qual ainda hoje Heráclito nos perturba – uma razão que nos leve a abordá-lo não com os olhos de quem quer descobrir o que cada palavra de seus aforismos significa (em grego e segundo o possível contexto em que viveu), mas com a expectativa de quem pode ter com essa literatura um tipo de experiência estética profunda e única. E, se podemos dizer mais, quem sabe a força estética do fragmento esteja no quanto ele traduz um pouco daquilo que caracterizamos como a condição humana.

Os homens tardam em relação ao discurso porque, quando acordam para ouvi-lo, percebem que ele esteve sempre ali. Esta é a condição humana: atrasar-se (sempre) porque o discurso (sempre) esteve/está ali. Tentamos apreender a realidade por meio da linguagem, mas as palavras (sempre) chegam no momento em que o mundo (sempre) já não é mais o mesmo. Tudo flui (já fluiu). Assim, se tentamos nos antecipar em relação ao discurso, assemelhamo-nos a um homem que tenha a esperança de um dia acompanhar a idade do pai – sim, um homem pode até chegar um dia a estar com a idade atual de seu pai, mas isso acontece quando este já vive outras idades.

Gustav Aschenbach, numa cena de *A morte em Veneza* (um clássico de Thomas Mann gravado por Luchino Visconti), demora-se ao observar uma ampulheta. Ao lado do amigo, divaga sobre o que aquele fluir de grãos de areia poderia representar: conclui que nos damos conta de que somos a areia da ampulheta quando faltam apenas três ou quatro grãos para cair e já não há mais tempo para virá-la do outro lado. Percebemos a juventude na velhice. Da possível associação entre a fala de Aschenbach e o pensamento de Heráclito resulta, por fim, que estamos fadados a acordar para o discurso quando já não há mais tempo de apreendê-lo (terminar de escrever um texto é estar pronto para começá-lo, mas também já não há mais tempo – os setores de redação dos jornais diários que o digam).